

Poesias

Luis Delfino dos Santos

(1834-1910)

Sumário

1. A ÁGUIA
2. A ARANHA
3. A CEGA
4. A COUSA ESPANTOSA
5. A COVA
6. A DEUSA
7. À HORA DO ALMOÇO
8. A IMORTALIDADE DE HELENA
9. A PASSARADA EM FESTA
10. A PERNA
11. A POESIA
12. A PRETA NA CABANA
13. A PRIMEIRA LÁGRIMA
14. A RIMA
15. A SAÍDA
16. A SULTANA
17. A UNHA DO DEDO MÍNIMO DO PÉ
18. A VALSA

19. ALMA VIÚVA
20. ALTAR SEM DEUS
21. AND MORE...
22. ANDANDO PARA O INFINITO
23. ÂNGELA – SIRENA
24. AO PASSAR DE UM ATAÚDE
25. AOS VERMES
26. CADÁVER DE VIRGEM
27. CAPRICHOS DE DEUSA
28. CAPRICHOS DE SARDANAPALO
29. CAVERNA RUBRA
30. CÉUS IDEAIS
31. CHEIRO PREFERIDO
32. CIO
33. CONVENTO DA BATALHA
34. CRENÇA E DÚVIDA
35. CRER E NÃO CRER
36. DEPOIS DO BANHO
37. DEUS
38. DEUS PELA MULHER
39. DOR E PRAZER
40. ENTRADA NA FLORESTA
41. EPITALÂMIO
42. ESCURIDÃO
43. EVA
44. EXPERIÊNCIA DE EVA
45. EXTRA MUROS
46. FEVER
47. GAIVOTAS

48. HELENA
49. HINO À MULHER
50. ÍMPETO DE LOBO
51. IN HER BOOK
52. INTUS ET IN CUTE
53. JESUS AO COLO DE MADALENA
54. LAETITIA
55. LOUCURA
56. MEDO
57. NA REPÚBLICA
58. NO LEITO
59. NUM CARRO DE BOIS
60. O AMOR
61. O AMOR CEGO
62. O AMOR DO MENDIGO
63. O AMOR E A ETERNIDADE
64. O BELO FEMININO
65. O CÉU
66. O CÉU É UM CRIME
67. O COLO
68. O CRISTO E A ADÚLTERA
69. O DESTINO
70. O FLANCO E OS PÉS
71. O FORTE (a Machado de Assis)
72. O IMPOSSÍVEL
73. O MAL DA VIDA
74. O TESTAMENTO
75. ÓDIO ESTÉRIL

76. OS PÉS
77. OS SEIOS
78. PELA PRAIA
79. PERNAS E PÉS
80. PRIMEIRA MISSA NO BRASIL
81. QUE SABEMOS?
82. QUE VOS DARIA?
83. SOB A MADONA
84. SOBRE O PÉGASO
85. SURPRESA
86. TELA APAGADA
87. TERROR
88. UBI NATUS SUM
89. UM DUELO DE MORTE
90. UMA DESESPERADA
91. UMA PRINCESA ANTIGA
92. VELOCINO

A Águia

A águia negra, num vôo, de repente
Fura o céu, desprendida da montanha,
E parece levar em feixe ardente
Luz, que às garras metálicas apanha.

Afronta o sol, provoca-o frente a frente,
Deixa as nuvens atrás, remonta em sanha...
E volta irada, triste e lentamente,
Por ver tão longe a luminosa aranha.

Liso, e em foto o areal, como um espelho
Amplio, se estende ao seu olhar vermelho...
Vermelho, como a espuma dos vulcões:

Desce; e por desenfado ao bico enorme,
Enquanto um grupo de gazelas dorme,
Folga arrancando os olhos aos leões

A Aranha

Quando na fina, complicada teia
A mosca prende as asas rutilantes,
E sente em cada pé uma cadeia,
Que ao céu lhe furta os vôos iriantes,

Stringe... que quase o ergástulo baqueia:

Tempesteia, reluta alguns instantes:
Porém de longe a aranha escura e feia
Lhe alteia o muro, aos gritos lacerantes;

Stringe... revoa, cai: stringe, desata
As asas da esmeralda, e oiro, e prata,
Como lutara uma águia emaranhada,

E Prometeu: mas cede à força estranha.
Move-se então, caminha, chega a aranha.
E, antes que a empolgue, pára inda aterrada.

A Cega

A vida... quem a fez, fez a dor: punhalada;
Fez-se o mar, pôs-se nele um crime: a tempestade;
Inventou-se o terror servindo à crueldade;
Fez-se a flor, nela dorme o veneno: emboscada.

Fez-se a rosa, o que é bom, para o espinho: cilada;
Fez-se o céu, um abismo; outro, o inferno: maldade;
Fez-se o verme, um horror, torpe inutilidade;
Enfim o homem fez Deus: Deus fez isto, e mais nada.

Deus não ama a ninguém, como a ninguém odeia;
Do seu nome, isto só, toda a terra está cheia;
Como nós, qualquer vício ele em si mesmo traz.

A força será sempre essa louca, essa cega
Que tudo deixa, e logo em tudo outra vez pega,
E, Penélope eterna, anda, faz e desfaz?...

A Causa Espantosa

Parar devemos dentro do universo:

Nele o humano saber tem seu limite...

Não há mais nada que a alma exalte, e irrite,

E torne o ser, que pensa, um ser perverso.

Helena, acaso Deus nos é adverso?

Quem pois nos farta o indômito apetite?

O mundo além do tûmulo é diverso?

Julga alguém que esse mundo o nosso imite?

E o que é essência, causa, eternidade?

E essa causa sem causa, esse infinito,

Isso que não começa, nem acaba?

Em tudo está presente a Divindade...

Crê: adora... — Isso basta? Oh! sonho! oh! mito!...

Isso, Helena, isso tudo oprime, esmaga!...

A Cova

Faz mais larga essa cova, estúpido coveiro;
Pois não vês que são dois buscando o mesmo leito?
É preciso que caiba um longo travesseiro,
Para dormirem face a face, peito a peito.

Virei deitar-me em tempo: hoje não, não me deito
Sem que nos braços meus a carregue primeiro:
Quero cobri-la bem, pôr-lhe o tronco direito;
Que é muito longo sempre o sono derradeiro

Guarda do cemitério, o jardineiro aí fica,
Quero roseiras só, quero muitas roseiras;
Que ardam rosas em que seu corpo multiplica.

Que os pássaros aqui cantem horas inteiras:
Que esta leiva, em que está da terra a flor mais rica,
Seja o teu ninho, amor, quando um ninho, amor, queiras.

A Deusa

O seu pescoço esplêndido e robusto
Implantado às espáduas fortemente,
Presta-lhe um ar olímpico e imponente;
De Vênus dá-lhe gesto altivo e augusto;

E sustém-lhe a cabeça bela: é justo,
Porque dos deuses vem; e se presente
No andar, na voz, no riso negligente:
Metem em tudo, que a cerca, estranho susto:

Tão grande e superior ela parece,
Que não é muito a admiração e o espanto:
Segue-se ao espanto o amor; ao amor a prece.

És tu, Helena, a deusa, o enleio, o encanto:
É de ti, que, em mim só, todo um céu desce:
A ti meus olhos, como a um céu, levanto...

A Hora do Almoço

Pelo sapê furado da palhoça
Milhões de astros agarram-se luzindo;
O pai, há muito, madrugou na roça:
A mãe prepara o almoço. — O sol é lindo.

Canta a cigarra; o porco cheira; engrossa
O fumo dos tições; — anda zunindo
À porta um marimbondo; e fazem troça
As crianças com um ramo o perseguindo.

Correm, chilram, vozeiam, tropeçando
Num velho pote; — a mãe, zangada, ralha.
A avó lhes lança o olhar inquieto e brando.

No chão um galo ajunta o milho e o espalha,
Enquanto a um canto, as penas arrufando,
Põe a galinha num jacá de palha.

A Imortalidade de Helena

Deixa o tempo passar; e embora passe
Do corpo teu o mármore divino,
Ficará impoluto: em tua face
Sempre há de haver um brilho peregrino.

Eu ensinei as cousas; e inda ensino
O prazer a sorrir-te, onde te achasse:
Segredei uma prece ao teu destino:
Hás-de ser, como o sol, que morre, e nasce.

Não perderás a tua mocidade;
Rasguei-te funda esfera azul, serena,
Onde abrirás as asas à vontade;

Onde podes ser água, ou ser falena:
Dei-te a beber a Imortalidade
Nos versos meus. — Fui o teu Deus, Helena.

A Passarada em Festa

Helena a festa vê da passarada:
Coalha todo o jardim, e todo o prado;
Não há um palmo só do chão deixado,
Onde não haja uma asa desdobrada:

Foi como uma cascata desatada:
O céu azul amanheceu toldado;
Ramas de troncos, beiras de telhado...
Sem vôos, sem chilrar não há mais nada.

Um gato se distende, e se adelgaça,
Mescla-se a relva, e nela entrar parece,
Até que junto um pássaro lhe passa:

Ele rápido o agarra, e o sangra, e cresce,
E se encurva, e outra vez espreita a caça,
Até que nova presa lhe aparece.

A Perna

Esta é bem como o limiar agosto
De Éden, em que ninguém ainda há vivido:
Que causa, a quem quer ir, terror e susto,
Pois guarda-o um anjo de clarões vestido.

Quem o caminho dele sabe ao justo?
O carreiro das rosas é sabido;
Das pombas brancas ao pombal hei ido:
Mas... como ao paraíso ir mesmo a custo?

E todavia aquela perna indica
Que muito longe dela o céu não fica:
Tentar, como um Titã de um raio em troco?

Aquela ponte de marfim maciço
Passar, subir... quem pode fazer isso?
Um louco? — Eu vou... Quem há do que eu mais louco?

A Poesia

O que é poesia, Helena? O céu invade,
E tudo une e desune e tudo enfeixa;
E tudo mete em sonora endeixa,
E tudo quanto foi, e inda ser há de.

É a voz de Deus, o som da tempestade:
Dá músicas ao mar, amor à queixa:
E ela em seu manto embrulha os sóis, e deixa
A ira enleá-la, e é cheia de bondade.

Embala o berço, e faz dançar a boda:
Mesmo ao trágico empresta os seus encantos:
Dá voz sublime à ventania douda.

É de existência dor, sorriso, prantos:
E a grande, a rica natureza toda
Luz, freme, goza, sofre, haure em seus cantos...

A Preta na Cabana

Esta preta que vês junto à cabana,
Velha, gasta, pedindo-te uma esmola,
Teve na terra benfazeja a escola
Do trabalho, do amor, da luta humana.

Deixou a pátria tórrida africana
Pelo Brasil, onde é soberba a flora;
E, no país, em que ela é livre agora,
Viveu escrava e a um tempo soberana.

Misturou o seu sangue ao nosso sangue,
O seu suor, no campo, ao suor da aurora,
Deu força e alento ao nosso corpo languê.

Helena, inda hoje embala-nos nas sestras,
Como ria no lar conosco outrora,
E eram suas também as nossas festas...

A Primeira Lágrima

Quando a primeira lágrima caindo,
Pisou a face da mulher primeira,
O rosto dela assim ficou tão lindo
E Adão beijou-a de uma tal maneira,

Que anjos e Tronos pelo espaço infindo
Qual rompe a catadupa prisioneira,
As seis asas de azul e d'ouro abrindo,
Fugiram numa esplêndida carreira.

Alguns, pousando à próxima montanha,
Queriam ver de perto os condenados
Da dor fazendo uma alegria estranha.

E ante o rumor dos ósculos dobrados,
Todos queriam punição tamanha,
Ansiosos, mudos, trêmulos, Pasmados..

A Rima

Um sussurro de estrofes, que hás ouvido,
Helena, que te acorda, e leva, e embala,
Essa harmonia foi preciso dá-la
Às canções, como o corpo ao teu vestido.

Ele é sem ele um ser emudecido,
Vivo sim! que respira, e que não fala;
Uma flor que perfumes não exala,
Um pé que pisa e passa sem ruído.

É o vento que mexe o bosque inteiro;
É do hálito teu o aflar e o cheiro:
E o som do fogo a arder não é diverso.

A rima, a rima, a sonora rima,
Bater de asas de pássaros, que anima,
E dá vida, e rumor, e vôo ao verso...

A Saída

O galo canta: o ar, que freme, é quente:
Desce ruflando pelo vale o vento;
Há no horizonte os rolos de uma enchente
Do mar, que invade e doura o firmamento.

Toca a sineta; vem saindo a gente
Da senzala, num jorro sonolento:
Depois da reza, a passo tardo e lento,
Enxada ao ombro, dois a dois em frente,

Ao eito vão pelo carreiro aberto:
O mato cheira, rumorejam ninhos
No cafezal, de branca flor coberto...

Há um grande chilrar de passarinhos...
E enquanto o escravo vai... segue-o de perto
A risada da luz pelos caminhos...

A Sultana

Foi festa, e grande, em toda a Cachemira

Quando chegou, montada no elefante...

Viu-se em leve sandália de safira

O seu pé de uma alvura deslumbrante;

Colhendo as sedas, sua mão ferira

Com luz nevada a multidão, diante

Da qual o rosto apenas descobrira

Na sombra do riquíssimo turbante;

Mas quando viram seus nevados seios,

Brancos, riscados de azulados veios,

C'roados de uma auréola de cabelos,

— Tênues fios de estrela que irradia...

Para não ofendê-la à luz do dia

Fugiram dela ao trote de camelos.

A Unha do Dedo Mínimo do Pé

É um gigante, e acaso uma hora excede-o:

O seu alto valor se verifica

Quando, em noite de amor tão curta e rica,

Crê-se tudo acabado e sem remédio.

Vence o cansaço e o sono; o sono e o tédio...

De ambos a inércia é a morte, e a calma a explica:

Vênus de Amor são grupo em bronze, e aí fica...

Eco um beijo inda pede... embalde pede-o...

Mas esta unha, num dedo escuso, é certo,

Roça-te a carne, um nada, aos pés... desperto

Logo, logo o teu sangue — às armas — grita.

Ferve dentro de ti toda uma aurora;

E vibra a seta, a seta rubra agora

De um sol, que o céu, em todo fundo, agita...

A Valsa

Move-se, treme, anseia, empalidece,
Cai, agoniza; acaba-lhe nos braços:
Resfolga, arqueja, torna, reaparece,
Solda-lhe o seio, a boca, as mãos, os passos...

Gira, volta, circula... Os olhos lassos
Têm langue, mole, voluptuosa prece:
A fronte branca ao colo dele esquece...
Atam-lhe as carnes invisíveis laços...

Na sala, a um vão, inquieto a vejo... e o vejo!
Sofrer?!... não sei... mas toma-me um desejo,
Ao ver um só nos dois, o grupo enleado...

Rogar-me ao chão, à terra de repente,
E nas voltas daquela valsa ardente
Morrer em baixo de seus pés calcado!

Alma Viúva

És uma alma viúva e perturbada:
Foi-te a paixão um vento de passagem,
Que indo, lançou do céu na tua imagem
Luxos da noite e jóias da alvorada.

A flor de amor, macia e perfumada,
Não foi de oásis, foi de uma miragem;
Anda por ti, como um rumor de aragem
A um rosal, que deu rosas, pendurada.

Teu negro olhar... o teu olhar esconde
Lasciva flauta de dois tubos, onde
Pã tocara, cantando a selva em coro.

Dentro, o desejo, como instável onda,
Dorme fremendo, quando alguém o sonda,
Como um leão ao sol nas garras d'ouro.

Altar sem Deus

Inda não voltas? — Como a vida salta
Destes quadros de esplêndidas molduras!
Mulheres nuas, raras formosuras...
Só a tua nudez entre elas falta ...

Pede-te o espelho de armação tão alta,
Onde revias tuas formas puras;
Pedem-te as cegas, lúbricas alvuras
Do linho, que a Paixão no leito exalta.

Pedem-te os vasos cheios de perfume
Os dunquerque, as rendas, as cortinas,
Tudo quanto a mulher de bom resume,

Escolhido por tuas mãos divinas...
E sai do teu altar vazio, ó nume,
A tristeza indizível das ruínas ...

And More...

Quando um dia tristíssimo e cinzento
Da muita névoa, que no céu havia,
Quase à beira da noite, (e era tão fria,
Que era um ninho de penas o aposento)

Eu te pedi que fosses um momento
Ver como a luz sangrenta inda escorria
Longe, do flanco nu da penedia,
Porta aberta, que ao céu rasgara o vento:

E insisti, e partimos: vendo o poente
Deserto, e turvo o espaço simplesmente,
— Então? — gemeste trêmula, e espantada:

Antes que alguém atrás de nós chegasse,
Eu te beijava o seio, o colo, a face,
— Céu e luz, te dizendo, és tu; mais nada... —

—

Andando para o Infinito

Sou aos teus pés, como o areal sedento:

A água toda do céu nunca o sacia;

E pode, a noite remendada ao dia,

Cair-lhe de pancada, ou lento e lento.

Sou um faminto a precisar sustento,

Sempre a febre, que o forno acende e cria,

Morda-lhe o seio esplêndido e opulento,

Beba-lhe à boca, um cíato, a ambrosia.

O meu amor trabalha em refazê-la,

Quando a gole ou de vez a vou haurindo...

Creio que engulo estrela sobre estrela,

Feita das carnes do seu corpo lindo:

Já não me afundo em céus: — para contê-la,

Sinto o infinito em mim abrindo... abrindo...

Ângela - Sirena

Tinha doze anos; chego; de repente
Enlaça-me com força: vou fugi-la;
Aperta-me inda mais, feroz, tranqüila,
Como uma fera angélica e inocente.

Quase achei-me sem mim no atrito quente;
E ao ver-lhe o azul da límpida pupila
Molhar-se todo de um vapor luzente,
E uma inquieta tristeza enfim cobri-la,

Lento e lento arranquei-me dela, e a custo,
E sem que disso idéia exata forme,
Logo um pouco a tremer, num vago susto,

Como cansada de um trabalho enorme,
Sobre o meu colo reclinando o busto,
A face em fogo, e soluçando, — dorme.

Ao Passar de um Ataúde

Viu Helena o ataúde, que passava,
Levando os restos duma forma humana;
Pois o tempo, que a cria, inda a profana...
E o eco da dor nas faces lhe ficava.

Quando se morre, o verme não se engana,
E os mesmos dentes roedores crava
Nas carnes frias de uma humilde escrava,
Ou nas carnes da altiva soberana.

Dos longos cílios de oiro rorejados,
Glóbulos trêmulos, meio pendurados
Nadam na luz, que nos seus olhos brilha!

Mas que grandeza vai nesse abandono!
Helena tudo vê de sobre um trono,
Formosa, augusta e triste, à maravilha...

Aos Vermes

Tendes também espaço no horizonte,
Vermes, que o eterno sol redoira e anima;
Dou-vos asas, subi: à minha frente
Que sombra escassa e vã lançais por cima!...

Eu ato, quando quero, o vale ao monte,
O Olimpo ao Céu, e os deuses que a musa intima:
E estrela a estrela amarro, e lanço a ponte,
Em que anda o grupo harmônico da rima.

É um coche de pérola o soneto:
E quando dentro dele os mundos meto,
A estrofe ala-se, e canta, e canta, e o tira.

No caminho saúdam-no as Quimeras:
E ao vê-lo, a um tempo, calam-se as Esferas,
Aos seios de oiro atravessando a lira.

Cadáver de Virgem

Estava no caixão como num leito,
Palidamente fria e adormecida;
As mãos cruzadas sobre o casto peito,
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,
De roupas alvas de cetim vestida,
O torso duro, rígido, direito,
A face calma, lânguida, abatida...

O diadema das virgens sobre a testa,
Níveo lírio entre as mãos, toda enfeitada,
Mas como noiva que cansou da festa...

Por seis cavalos brancos arrancada,
Onde vais tu dormir a longa sesta
Na mole cama em que te vi deitada?

Capricho de Deusa

Às vezes esta deusa, esta princesa
Despe a clâmide branca, a toga austera,
E dos degraus de estrela de onde impera
Baixa à terra — numa hora de fraqueza.

Quer ser mulher e entrar na natureza,
Vem até mim, como domada fera,
Beija-me a boca e foge, e não espera...
Ateia a chama e a chama aí fica acesa.

De longe, só para molestar-me, insiste
A olhar-me, a olhar-me!... E após, ao ver-me triste,
Na voz um riso, um riso na retina,

Meu coração agarra, agarra e estrinca,
Como quem, por passar o tempo, brinca
Com um pomo preso ao galho que se inclina...

Capricho de Sardanapalo

"Não dormi toda a noite! A vida exalo
 Numa agonia indômita e cruel!
Ergue-te, ó Radamés, ó meu vassalo!
 Faço-te agora amigo meu fiel...

 Deixa o leito de sândalo... A cavalo!
Falta-me alguém no meu real dossel...
 Ouves, escravo, o rei Sardanapalo?
Engole o espaço! É raio o meu corcel!

Não quero que igual noite hoje em mim caia...
 Vai, Radamés, remonta-te ao Himalaia,
 Ao sol, à lua... voa, Radamés,

Que, enquanto a branca Assíria aos meus pés acho,
 Quero dormir também, feliz, debaixo
Das duas curvas dos seus brancos pés!..."

Caverna Rubra

Quando, caverna rubra e monstruosa,
Onde habitam os deuses deslumbrantes
Sobre cochins de sedas cor-de-rosa,
Talhados para toros de gigantes;

Quando paro ante ti alguns instantes,
Na raiva doída, lúbrica, ansiosa,
Sombra no rosto, os membros palpitantes,
À porta augusta, viva e esplendorosa;

Eu quisera furtar-me à covardia
Dos sóis, dos universos afrontados,
Hirtos de inveja, horrendos de ironia,

Caindo em teus abismos estrelados,
Caverna rubra, aberta na harmonia
De um corpo feito de clarões coalhados...

Céus Ideais

Por isso vou às vezes ideando
Alcova quente, e leite de frouxel,
Jarras com flores cheiros exalando,
Taças d'ouro a beirar de leite e mel...

Uma casinha, como pomba, olhando
A luz do sol, num canto de vergel,
O teu sorriso tudo iluminando,
E à aba de um lago o lírio de um baixel.

A lua à noite docemente vindo
Beijar as luas do teu rosto lindo,
A brisa a arfar em morna placidez:

E tu deitada, e a rir, entre os meus braços,
Lendo nas letras d'ouro dos espaços
As histórias de amor, que amor lá fez...

Cheiro Preferido

Helena, um cheiro tens na carne ardente,
Que não há nos jardins, nem nas florestas;
Nem sai dos vasos, nas noturnas festas,
Onde há mulheres belas em torrente,

Faiscando jóias lúbricas, funestas...

Prende minh'alma delirantemente
Esse odor, que em ti sinto, e ninguém sente
Desprender-se outro igual d'algumas destas.

Só em olhar-te e ver-te o tempo emprego:

Eu te conheço; para o mais sou cego...

Para servir-te, a natureza é pouca:

Inda, para isso, o céu teus gestos toma...
E enquanto eu, como abelha, ando-te à boca,
Haurindo o mel, que dá seu fluido — aroma...

Cio

Não ouças, não, o soluçar do cheiro
Dos lírios brancos, dos rosais florentes...
Que te não fale ao ouvido o jasmineiro...
No vale Pã e os Sátiros não sentes?...

Olha. É cada perfume um mensageiro,
Que te enlaça nas asas transparentes:
Cantam teu nome os troncos e as correntes,
Dançando aos sons de um colossal pandeiro!...

Com junquinhos gentis prende-te os pulsos
Eros, morde-te estranho calafrio,
Antes carícia, o flanco, e aos seus impulsos

Verás irada a natureza em cio,
E os deuses desgrenhados e convulsos
Beijando em coro as Náíades do rio!...

Convento da Batalha

Epopéia da pedra, hino em mármore escrito,
Cada estrangeiro arranca um pouco do colosso;
Cospe-lhe à frente o raio o luminoso grito,
Ladram-lhe aos pés a fome e as iras do molosso.

Encostado aos poiais da escadaria, o moço
Campônio a fruta ensaia indiferente: — ao infinito,
— Águias negras — em um fantástico alvoroço
Alam-se as torres sobre as asas de granito.

E aquela mole imensa, arcos, aterradoras
Pontes, e botaréus, e zimbórios, — luzernas
De colunas trepando, orquestras triunfadoras,
Cantos, que os carrilhões lhe arrancam das entranhas,
Que fluem vales além, — e além enchem montanhas,
Tudo ela dá na paz das construções eternas...

Crença e Dúvida

Mas isto é uma hipótese sublime:
No fim de tudo a dúvida nos resta!
Há de durar continuamente a festa,
Que nos embala? A crença? Esta sorri-me.

Mas dobra o homem, como a brisa ao vime:
A alma vacila, sempre à idéia infesta:
Quando saímos finalmente desta
Existência — a outra vida enfim que exprime?

Somos um elo desta natureza,
Nos fundimos em Deus... Mas há certeza?
Razão, és bola, e como bola és oca!...

À terra, por que então mandados fomos?
Seremos verme? ou somos Deus? — Que somos?
Abismo, fala: para que tens boca?...

Crer e Não Crer

Contradizer-nos sempre dia a dia,
Hora a hora, talvez instante a instante!

Tem tantas faces o cristal iriante,
Que em cada volta a cor da luz varia.

O universo visões estranhas cria:
É, não é; minha Helena, é ir adiante:
São os séculos degraus da escadaria,
Que vai calcando espírito gigante:

E ele aí fica em dúvida perene!
E nos vaivéns terríveis, que o consomem,
Só tem de certo a dor... a dor infrene.

Somem-se os céus com os deuses que se somem:
Nenhum ditame, que alma enfim serene:
Crer e não crer!... Que verme hediondo é o homem!...

Depois do Banho

Sai do banho: o seu corpo alabastrino
Goteja: a água murmura do abandono;
Vê-se abatida, lânguida, com sono...
Lança mão do lençol, quase sem tino.

Mostra-lhe o espelho o corpo peregrino:
Ela o admira, e busca ver-lhe o dono...
Anjo, merece um céu; mulher, um trono:
Cisma, e sacode as tranças d'oiro fino.

Senta-se, e mostra a orla avermelhada
De uma estrela, que imerge no infinito,
Sob uma névoa loura ainda molhada.

Seu rosto inquieto oscila alegre e aflito:
Mas... numas longas asas confiada,
Pensa fugir ao mais ligeiro grito...

Deus

Deus existe? ou é Deus somente um nome em vão?...

E bato às portas d'ouro e de opala da aurora,

Donde o sol — velho leão — noite e estrelas devora:

E às estrelas da noite em louco turbilhão...

Ao mar, ao vento, ao raio, ao tempo, ao abismo em fora,

Ao argueiro, e à montanha, às lavas, e ao vulcão,

Ao passado, ao porvir, ao berço, à cova... Embora!...

Cala-se a natureza ou me responde: — Não.

Subo à minha alma então: Chamo-a, interrogo-a... Nada

E ela fica a oscilar, no abismo pendurada,

Vendo o espaço afundar-se em outro espaço sem fim...

Só entre o torvelim dos caos em labirinto,

Como com seu bordão na areia um cego, — o instinto

Sobre a poeira dos sóis grava um trêmulo — Sim.

Deus pela Mulher

Basta, Helena, que em ti Vênus renasça;
Teu nome é sempre Vaga e Movimento;
Teu apelido eternamente — Vento —
Que ciciando osculta tudo, e passa.

Tu, Mulher, hás-de ser a ebúrnea taça,
Cheia de sóis, por onde o pensamento
Bebe a luz, bebe a força, e bebe o alento,
E o divino esplendor, que põe na raça.

Eva imortal, tu és a formosura;
És Mãe; e como mãe és boa, e pura:
Não tens lua aos teus pés, nem sóis tu calças:

Mas por ti vai-se a Deus, e a compreendê-lo,
Tu nos ensinas, mesmo a ver, sem vê-lo...
E essas belas visões jamais são falsas...

Dor e Prazer

Por ti a dor somente hoje conheço.
Como por ti me vem toda a alegria,
Quando canta por cima do teu beijo
Agora o riso, agora a luz do dia.

Dantes homem eu era; — sofreria:
Mas depois, que te vi, e amei, esqueço
Se há na terra soluços de agonia;
Para gozar-te, Amor, aos teus pés desço.

Quando ao colo te aperto, o mais olvido:
E é tal a ebriez a ter-te encadeada,
Que a vir um culto dar-te, a Deus convido:

Porque é minha alma em ti a luz ideada,
Porque o mais tudo é fugitivo ruído:
Tudo, Helena, sem ti, que vale? — Nada...

Entrada na Floresta

Há uma nódoa branca na verdura:

Um novo aroma bom a selva exala:

Troncos, de pé!... Quem vai, quem vai buscá-la?

Honra-vos, bosque, a sua formosura!

Ei-la aí. — Esta mata ou treme ou fala:

Tem cada galho em êxtasis; ternura

A sombra; o sol ebria-se a fitá-la,

Num voluptuoso espasmo de ventura.

Traçam-lhe um ninho os pássaros; de esquelha

Olha-a um fauno; enche-a a luz de pedrarias;

O ar a oscula, a aquece, a faz vermelha.

Metem-se em líquens d'oiro as penedias;

Para ouvi-la, o grotão lhe estende a orelha;

Cantam, para embalá-la, as ramarias.

Epitalâmio

Deixa lançar-te ao colo o meu hálito quente,
Derreter-lhe com o lábio em fogo, e em torno, a neve.
O tempo, que nos dão, é curto, é pouco, é breve,
É nosso o instante só, e lá vai de repente.

Quem este epitalâmio, amor, cantar se atreve?
Como o vento demora e arrasta a asa fremente!
Como é alegre a luz mesmo do sol ao poente!
Como a noite aparece alta, estrelada, leve!...

Depois que minha boca encontrou tua boca,
Depois que eu fiquei louco, e tu ficaste louca,
Os grupos de ilusões, mandemo-los embora...

Pede cousa melhor ao universo; — e ei-lo mudo:

Olha: este último beijo é tudo, é tudo, é tudo!...

Qualquer deus não tem mais, não tem mais outra aurora!

Escuridão

A um Deus Ignoto o hino meu então?

Não sei se a morte é sono, ou queda, ou vôo...

Quem vela e cuida desta natureza?

Quem tece a luz do sol de cada dia?

Quem linho branco para o lírio fia?

E o dano? não nos vem, como surpresa?

Completa em nós sua vontade: esteja,

Como ele quer, no Deus que o serve, e o habita;

E a sua força única, infinita

Erga, ou destrua a sua grande igreja...

Tanto ele faz, e que ele se não veja!...

Se nós pensamos, ele o que cogita?

Que alvo esse Deus, Helena, ou mostra, ou fita?

É... — Eu sei quem é ele? Eu sei quem seja?...

Eva

Surge Adão: Eva após; Deus os exorta.

Tinham no Paraíso eterno encanto;
Roubam O fruto, que é vedado, e entanto
Deles toda a ventura é logo morta.

A vista deles Deus já não suporta,
E envolve a face irada em rubro manto;
Cai-lhes dos olhos o primeiro pranto:
Rangeu, o Éden fechando, a brônzea porta.

Tinham lá dentro sândalos e nardos;
O anjo de Deus em fogo a espada eleva;
O Sol golpeia-os com seus áureos dardos;

Urram leões em torno, ao pé, na treva.
Eriça-lhes a terra urzes e cardos...
Mas ao seu lado... Adão inda tem

Experiência de Eva

Quando Eva só ensaia algum caminho,
Há de alegria em tudo uma vertigem:
Quando ela um pé levanta, chilra um ninho;
Dá de um pássaro a um canto novo origem.

Do bosque as feras todas se dirigem,
Para vê-la passar, deixando o arminho
Escuro; a neve dele é só caligem,
Tanto ela esplende — Adão ficou sozinho...

Hoje é sua a apoteose. — O Éden toma
Uma estranha beleza; — e maravilha,
O que de bom na natureza assoma:

Em cada galho de árvore um sol brilha;
Da selva vem mais novo e doce o aroma;
Mesmo, como aos seus pés, o céu se humilha!..

Extra Muros

A tarde de ontem!... Longe da cidade,
Eu a esperava à porta do Passeio:
Quando via ir chegando um carro: — há de,
Pensava, ser o carro em que ela veio.

Não era. — Então ficava em novo enleio:
Cada momento era uma eternidade;
E entre a esperança, a dúvida, o receio,
Que inquietação, que angústia, que ansiedade!

Mas de repente o rápido ginete
Estaca, o faéton pára, as longas clinas
Sacode o pônei fino e cor de leite:

Sai a deusa: o sol ri, e das colinas
Rola-lhe ao pés a luz, como um tapete
Que ela esgarça na ponta das botinas...

Fever

Entrei: e ouvi uma harmonia doce,
E um silêncio tão baixo, e assim tão triste,
Como se tudo ajoelhado fosse:
Na mesma posição fiquei: tu viste.

E ao ver-me então na sala, te sorriste;
Do riso teu meu coração banhou-se;
E quando logo a persiana abriste,
De pedras d'ouro todo o chão calçou-se.

Beijei-te a mão, e achei-a árida e quente,
E acompanhei a sala descontente
No mudo treno, em que ela te embalava.

Vinha das cousas trêmulo soluço;
E a voz dormia à sombra do teu buço,
Num leito onde há só pérolas e lava.

Gaivotas

Do cresco mar azul brancas gaivotas
Voam — de leite e neve o céu manchando,
E vão abrindo às regiões remotas
As asas, em silêncio, à tarde, e em bando.

Depois se perdem pelo espaço ignotas,
O ninho das estrelas procurando:
Cerras os cílios, com teu dedo notas
Que elas vêm outra vez o azul furando.

Uma na vaga buliçosa dorme,
Uma revoa em cima, outra mais baixo...
E ronca o abismo do oceano enorme...

Cai o sol, como já queimado facho...
Do lado oposto espia a noite informe...
Tu me perguntas se isto é belo?... e eu acho...

Helena

Helena, ideal como os da Grécia antiga,
Trabalhados nos mármore de Paros,
Tu que refulges, como estrela amiga,
Do meu prazer entre os instantes raros,

Tu, a quem mão de deuses não ignaros
Por um divino e puro amor me liga,
Que és a criatura dos meus sonhos caros,
A força doce que a viver me obriga,

Tu, cuja imagem luminosa e casta
Ver, só, e amar, para viver me basta,
Tu, que não sabes mesmo inda quem és,

Tu, que o não saberás, mulher, aceita
O manto d'ouro e azul, que no chão deita
Quem calçara, a poder, com sóis teus pés...

Hino à Mulher

Mulher, lírio puríssimo do vale,
Eva criada, Eva renascida,
Só para amar e para ser querida,
Há perfeição acaso que te iguale?

Antes que o alento extremo o poeta exale,
Sabe que de ti sai perene a vida:
Que sendo a Virgem-Mãe preconcebida,
Ninguém na terra ou céu hoje te vale.

Há um clarão sutil e peregrino
Que em ti corre e te faz um ser divino,
Tens em ti, alma e corpo, a luz dos sóis.

Há um Deus? — És a Mãe: Ele é teu filho;
Há um Herói? — De ti lhe vem o brilho:
Mulher, ó Mãe de Deuses e de Heróis.

Ímpeto de Lobo

Helena estava em frente da janela,
Por onde o vento francamente entrava;
E a morder-lhe o pescoço, levantava
Os fios de ouro dos cabelos dela.

A cabeça inclinada à luz da vela,
Que ora estava serena, ora oscilava,
Escrevia: — a letra miúda escorregava,
Vermiculando o chão branco da tela.

Eu, atrás dela, em sua alcova estreita,
Como quem um qualquer segredo espreita,
Ardia ao fogo atroz de mil desejos...

Agarrar, como quem fizesse um roubo,
A nuca, e como em fome e em sede um lobo
Tragá-la aos poucos, gole a gole, em beijos...

In Her Book

Ela andou por aqui; andou. Primeiro,
Porque há traços de suas mãos; segundo,
Porque ninguém, como ela, tem no mundo
Este esquisito, este suave cheiro.

Livro, de beijos meus teu rosto inundo,
Porque dormiste sob o travesseiro
Em que ela dorme o seu dormir, ligeiro
Como um sono de estrela em céu profundo.

Trouxeste dela o odor de uma caçoula,
A luz que canta, a mansidão da rola
E esse estranho mexer de etéreos ninhos...

Ruflos de asas, amoras dos silvedos,
Frescuras d'água, sombras e arvoredos
Dando seca aos rosais pelos caminhos....

Intus Et In Cute

Desde manhã, e mesmo desde a aurora,
Havia já uma espantosa ameaça:
Nuvens à beira do horizonte em massa;
Um calor que aumentava d'hora em hora...

Realiza-se tudo, Helena, agora:
Ouves o vento, que esbraveja e passa,
Ouves bater a chuva na vidraça,
E zig'zagueando o raio vês lá fora.

Eu vejo tudo por um outro espelho:
Eu vejo o espaço azul, o sol vermelho,
Vejo cheios de flores os vergéis.

De verdes luzes coalham-se as colinas,
Beijando os céus de tuas mãos divinas,
Beijando as curvas dos teus lindos pés...

Jesus ao Colo de Madalena

Jesus expira, o humilde e grande obreiro!...

Sobem já, pela cruz acima, escadas;

E nos cravos varados do madeiro

Batem os malhos, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o choro em torno. — As mãos primeiro,

Inertes, caem no ar dependuradas;

A fronte oscila; arqueia o tronco inteiro

Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés. — Aumenta o pranto e a queixa.

Só Madalena ao oiro da madeixa

Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lágrima mais linda,

Com o dedo erguendo a pálpebra divina,

Busca ver se Ele a vê... beijando-o ainda!...

Laetitia

Morre: ninguém te há de querer tão fria,
Nem contigo dormir no mesmo leito;
Ninguém mais ouça, dentro do teu peito,
Bater-te o coração como batia.

Na tua alcova há de cantar o dia;
E o ninho, onde emplumou teu corpo, feito
Do que o céu tem de bom e há de harmonia,
Fique a estranho ludíbrio enfim sujeito.

Leva contigo a luz da tua aurora,
Leva a cruz branca dos teus braços, corta
Tudo que a ti me prende e vai-te embora.

Como és bela ainda assim!... isso que importa?
Enquanto em torno tudo é triste e chora...
Oh! que alegria eu sinto em ver-te morta!...

Loucura

Tinha garras a voz: eu te feria,
Te espostejava num ferrenho enlace;
Apunhalara a mesma luz do dia,
Que entre nós dois naquele instante entrasse.

O rubor só falava em tua face,
Era o teu calmo olhar quem só me ouvia;
Eu era o oceano que aos teus pés bramia;
Tu o sol que o embrandece assim que nasce.

Que culpa tem o mar, se o irrita o vento?
Quem o vento do mar pôs em presença?
Não tira a uma alma a paz o amor violento?

E há dentro em ti essa amplidão imensa,
Em que Deus cabe, e cabe o firmamento...
Delira um doudo, Helena: é crime? — Pensa.

Medo

Sabes? Não sei de ti o que penso e o que quero:
Não devo amar-te, eu sei, nem eu procuro amar-te:
E tua imagem vai comigo a toda parte;
Vai, onde eu vou; e vai, onde eu jamais a espero.

Meu semblante entre altivo e tristemente austero
Deve estar, quando enfim preciso, ou devo olhar-te,
Meu profundo segredo eu temo revelar-te:
E junto a ti me esqueço, ou talvez persevero.

Quantas vezes porém me tem já parecido,
Que longas horas eu sob os teus pés me olvido,
Bem como num vulcão, abrasado em desejos!

E ergo-me, e fujo, quando irado e delirante
Vejo, que vão tragar-te a carne palpitante,
Leões rugindo em bando, os meus famintos beijos...

Na República

Queres saber o que anda de verdade
Neste nosso país, e de ano em ano?
Nosso país, Helena, eu não profano,
Mas o Brasil não sente a liberdade.

Bárbaro é o povo, espuma de outra idade;
Há vão orgulho num republicano:
Nos chefes mesmo há gestos de um tirano,
E de um César a cega fatuidade.

Helena, te direi, por mais que pense,
Estou numa república insensata:
Meu tipo à Grécia de Platão pertence.

Quisera, esbelta e linda aristocrata,
Ao pé de mim o artista ateniense,
Moldando o ouro, e num Deus dando alma à prata.

No leito

Como estátua de mármore, na cama
Feita de linho, e sobre o nevoeiro
De rendas, em que rola o travesseiro,
Que luar doce o corpo teu derrama.

Azula-o brandamente etérea chama,
Molha-o a luz do teu olhar fagueiro;
E o sol, nos teus dois sóis prisioneiro,
Embalde ir para o céu forceja e clama.

Deixa-o ir. — Fica tu serena e casta
No calor desta alcova pequenina,
Que a imensa curva azul talvez mais vasta.

Deixa-me após na luz que me fascina,
Deste céu em que estás, e que me basta,
Cair morto aos teus pés, mulher divina.

Num Carro de Bois

Desde a infância, imortais, vós sonhadores sois!...

Vós, ó poetas, só vós, ouvis a sinfonia
Que espalhavam na estrada, ao declinar do dia,
Um velho, um carro tosco e dous morosos bois!...

Que véu d'opala e d'ouro em pó fino os cobria...
Como, a se enterroçar; inclinavam-se os dois!...
Pelas cercas à flor a luz inda sorria,
Dulias de aroma à luz cantava a flor depois!...

Quando, a aguilhada ao ombro, o carreiro indolente,
Deixava-me ir na caixa, agarrada aos fueiros,
De lá eu via o sol descer pisando, ao poente,

Espáduas colossais de deuses prisioneiros;
Enquanto ouvia já passar furtivamente
As Dríades no vale, os Silfos nos outeiros...

O Amor

O amor!... Um sonho, um nome, uma quimera,
Uma sombra, um perfume, uma cintila,
Que pendura universos na pupila,
E eterniza numa alma a primavera;

Que faz o ninho, e dá meiguice à fera,
E humaniza o rochedo, e o bronze, e a argila,
Sem o afago do qual Deus se aniquila
Dentro da própria luminosa esfera.

A música dos sóis, o ardor do verme,
O beijo louco da semente inerme,
Vulcão, que o vento arrasta em tênues pós:

Curvas suaves, deslumbrantes seios
De vida e formas variegadas cheios,
É o amor em nós, e o amor fora de nós.

O Amor Cego

Quando sobre uma pele de pantera
Mais negra do que a noite mais escura,
Via-te nua e branca, ó formosura,
Como a estrela na sombra pela esfera

Se destaca melhor, tem luz mais pura,
Sei lá dizer-te, angélica quimera,
Se mesmo, o que eu sentia, era ventura,
Se dentro em mim cousa melhor não era.

Sei só que enchia o vale dos teus seios
De beijos; — eram beijos e gorjeios
Da frente à curva dos teus pés gentis.

Sentia o amor, que vive, e se abandona,
Não o de Miguel Ângelo e Colonna,
Petrarca e Laura, Dante e Beatriz...

O Amor do Mendigo

Gosto de todas: amo-as loucamente...
Uma, em que palpo o escultural contorno,
Dispo, tiro-lhe até o último adorno:
E ouço a forma cantar num corpo quente.

Fremindo o coração, em fogo a mente,
Chispa, cintila, como aceso forno;
E o meu olhar, vulcão sangrento e morno,
Dardeja-lhe punhais, que ela não sente...

Mendigo, em descalcez, roto, esgrouviado,
Tendo-a nua ao meu seio, amor ensaio...
Abre-me o sol um leito aveludado:

Aureola-me a fronte, em deus, com um raio
De um sonho róseo ao fundo, ela a meu lado...
Sob a umbela do céu azul desmaio.

O Amor e a Eternidade

Helena, o amor não é um sol bendito,
Não é o idílio dentro de uma gruta;
É o abismo sem fundo, é a treva abrupta,
Que se abre em longo e doloroso grito;

É andar neste exílcio em que me agito;
É conhecer a dúvida na luta;
Fala o universo, e temeroso o escuta
O amor, o pobre escravo do infinito.

Não ela a dor a dor de idade em idade;
Quem não ama, e interrompe o pensamento
De um Deus, emenda-o, e dele enfim se evade.

Não é mais folha solta entregue ao vento;
É com amor a vida a eternidade,
É sem amor a vida um só momento...

O Belo Feminino

És tu, beleza, a cortesã primeira,
És tu quem desce sobre o corpo dela
No dia em que era esplêndida donzela,
E que a fizeste tua prisioneira.

Tu, não ela, tu és a verdadeira
Prostituída e vil: és tu quem gela
E mata d'alma a candidez singela,
Tu, beleza funesta e traiçoeira.

Por que não vestes só as almas castas?
Por que não deixas tu as almas mortas?
Por que não vais às regiões mais vastas?

Por que não foges para os céus? Suportas
Esses anjos sem luz, e não afastas
Quem vai bater ao céu de suas portas!...

O Céu

Eu que desejo? – Se este céu falasse,
Este céu transparente, e quasi austero
Com seus milhões de sóis? O reverbero
Dessas estrelas dizem-me: - que eu passe.

Queremos mais do que promete a vista;
Queremos mais do que nos mostra o espaço!...
E esse espaço da terra inda o que dista!...
Há mesmo tédio em vê-lo: há já cansaço:

Nossa funda ignorância nos contrista:
Mesmo vivendo sempre aqui, que faço?
Só contemplar a obra divina? – Eu quero

É ver, contemplar Deus, e face a face
Tê-lo ante mim; e quando o interrogasse,
Ouvi-lo... – mas, em vão, Helena, o espero!...

O Céu é um Crime

Quando me lembro triste e descontente,
Que essas linhas de tua forma pura,
Que esses irradiamentos de brancura,
Que a tua carne cetinosa e quente,

Que isso morre, isso acaba, e tudo mente;
Que não serás um dia a formosura,
Que eu via com prazer e com ternura,
Como serpe a enrolar-me um fogo ardente,

Num frêmito de um gozo indefinido;
O coração em dois por ti partido,
Às carícias de tua voz sublime;

A mão, que toca, e como um lírio afaga...
E que isto tudo se esvaece e apaga...
O céu depois só me parece um crime...

O Cristo e a Adúltera

(Mármore de Bernardelli)

VII

Tenho em frente de mim um deus: que importa o resto?

Vai fazer um milagre... Olhai, vede o seu gesto.

Uma pobre mulher corrida e quase nua,

Deita-te aos pés, Jesus, o clarão de uma lua.

Ela acolheu-se a ti e nela a formosura!

Que abismos nessa carne, e que luz nessa alvura!

Canta invisível nela um sol; ouço-lhe o trilo.

Não é Vênus de Cos, não é Vênus de Milo:

É vênus doutro mar, é deusa doutra espuma.

Bela, não se parece enfim com deusa alguma:

É o belo-ideal fundido de outra idéia:

Prometeu desta vez roubando a luz divina

Coalhou-a, como pode e ninguém imagina,

E fez dela o ideal da mulher da Judéia...

VIII

Olha a pobre mulher: esta mulher amante

Esta manhã ainda, ao aço rutilante,

Reviu seu rosto belo, enrolou seus cabelos,

Perfumou-os de mirra, untou-os de mamono,

Cacheou-os na testa em múltiplos novelos,

Enquanto lhe dormia ainda um pouco o sono
Entre os cílios; enquanto em sua face linda
Com um longo beijo o sol não a acordara ainda.
Mas se à festa do leão não resiste a leoa,
Caiu esta, que é bela, e além de tudo é boa.
Deus, que os sóis pelo céu andar em luta veda,
Deu-lhe a beleza — o abismo, e deu-lhe o amor — a queda.
Que dorso! Aquele branco e luminoso dorso!...
Aquele seio, aonde as pomas rutilantes
Vão nas asas fugir, sem fazer um esforço,
Vão fugir, adejar por esses céus distantes,
Ai! tão perto do céu! ai! tão fora do ninho!
Vejo-as quase a saltar do transparente linho:
Quero-os em pé, a luz, quero ver tudo isto...
O teu vasto linhol 'stá-m'a escondendo, ó Cristo.
O irradiar do torso esplêndido da adúltera
Vale o linhol de um deus, vale a inconsútil púrpura.
Caiu? — Quero alteada essa cabeça fina,
Ver um colo que ondula e como flor se inclina
Na haste flexível: sim, quero ver como rola
Na pequenina orelha a egipciana argola;
E erguida e a mover-se, a andar, a rir, sim! vê-la:
Ver se a estrela é que a vence, ou se ela vence a estrela.
Mas enquanto ela jaz a tua sombra santa,
Enquanto esta mulher gentil não se levanta,
E espera em tua força, ó Jesus, certo abrigo...
Ficarei junto dela, ó mármore, e contigo.

O Destino

O rio vem do mar, para o mar corre:
Quem sabe por que nasce e por que morre?
Sabe o sol que ele faz a madrugada?

Quem fez de um grão de areia este universo?
Não podia fazê-lo outro e diverso?
Pode cousa qualquer sair do nada?

Por que nos fez assim com fome e sede,
Selvagem, como a fera da floresta,
E não pôs tudo numa eterna festa?
Quem deu a vida, não daria a rede

Em que se embala o Índio do arvoredado,
Mas que ele arranca ao tronco com trabalho?
Ruge em torno de nós a dor e o medo.
Nada vales, Helena, e eu nada valho?!...

O Flanco e os Pés

Nesse momento eu via o que somente
Se pode ver em súbita paisagem,
Quando a vaga do mar empluma a aragem
De uma penugem branca e reluzente;

E essa traz numa concha alvinitente
Alguma Vênus, o ideal, a imagem
Do belo, que ali surge de passagem,
Mas fica avassalando a toda gente.

Assim da nuvem sai a claridade
Em que anda envolta alguma divindade,
Que podem ver acaso alguns felizes,

Que isto o destino a muitos não permite:
Tal vi teu flanco, Helena, o de Afrodite,
E os pentélicos pés de estátua de Ísis...

O Forte

(a Machado de Assis)

O varão forte mutilado a meio
É qual Deus, que o escultor em pé levanta,
Nessa atitude respeitosa e santa
Que a pedra guarda no divino seio.

O bárbaro pisou-o sob a planta;
Lançou-o o tempo ao chão, qual fraco esteio;
Mas o mármore — um dia — ergue-se, e canta
Belo, como das mãos de Fídias veio.

Basta que caia a gota de água em cima,
E que um raio de sol a enxugue instantes,
Para irromper a sonora rima

Do coro dessas linhas cintilantes;
E no meio da luz, que o beija e anima,
O Deus de pedra inda é maior que dantes.

O Impossível

Queres que fale em Deus? — Que contra-senso!...

Que falar pode a pobre criatura?

Há na semente uma árvore futura;

Equilibram-se os sóis no espaço imenso.

Dentro e fora de nós nevoeiro denso:

Sei que a vida é por mim, por ti, que dura;

Há quem o veja e meça-lhe a estatura?

Não o afirmo, nem nego. — Cismo e penso...

Deus não tem atributo algum humano:

Deus é Deus, porque é Deus, Helena amada...

O seu nome em meus lábios não profano.

A nossa inteligência limitada

Não conhece o arquiteto, a obra, o plano;

E o que sabe melhor não sabe nada...

O Mal da Vida

Amor, pois, é a esplêndida loucura,
E a miséria de um sol que nos invade?
Caiu alguém aos pés da formosura
Que lhe não deixe aos pés razão, vontade?

Este delírio vem da eternidade,
Vem de mais longe, eu sei: - quem o procura
Acha-o mais velho do que Deus: quem há-de
Fugir do mal da vida por ventura?

E o amor é o mal que acaba em paraíso;
E para dar-nos céus num só lampejo
Basta-lhe um pouco, um nada é-lhe preciso:

De sonhos d'ouro e luz calça o desejo:
E então, de dia, em rosa abre o seu riso,
E em ampla estrela, à noite, abre o seu beijo...

O Testamento

Se algum dia te vir, celeste Helena,
Mais branca do que os teus lençóis de linho,
Como um pássaro morto no caminho,
Morta em antes de vir a tarde amena,

Deixa-me o gozo ao último carinho,
Que podes dar-me sem remorso ou pena,
E, como um'ave, que procura um ninho,
Pôr meu lábio em teu rosto de açucena.

Dize que cedes já ao meu desejo,
Que eu posso à face bela haurir-te um beijo,
O meu primeiro e último sequer...

Eu nunca quis, nem quero inda outra cousa:
Abre-me os braços nesse leito, esposa;
Dá-me o teu seio: espera-me, mulher...

Ódio Estéril

Gosta de ver a multidão rendida
Esta mulher, mais velha irmã da aurora,
Que, há muito tempo, do botão da vida
Toda nova, a áurea fronte pôs de fora.

Contudo a luz da tarde amortecida
Doira-lhe a tez da cor triunfal de outrora,
E inda conta, sorrindo, hora por hora
Muita cabeça aos seus dois pés caída;

Seu poder, cheio de desdéns, não cansa:
E o alfange rubro, o seu rir voluptuoso,
Abate a quantos enche de esperança.

Mas eu... por lhe não dar estranho gozo,
Dou-lhe o meu ódio... e sei que esta vingança
É um lobo a uivar por seu luar formoso!...

Os Pés

Hum!... Qualquer coisa como um passarinho

Nevado e azul, polido e luzidio,

Como o fluido cristal d'água de um rio,

Que a luz cinzela, e aroma o rosmaninho...

Alvo... da casta alvura de um arminho...

Azul... do azul do céu, franzino, esguio,

Trêmulo, arfando, em susto, em medo, eu vi-o

Buscando o fundo tépido do ninho.

Ela no leito tinha-o prisioneiro;

E a mim me parecia que o infinito

Era o que ele queria... o espaço inteiro...

— Deve ser lindo, disse-lhe, e esquisito:

Não deixes ir, sem dar-mo a ver primeiro...

São dois?!... — Sentou-se, e às mãos os pôs num grito...

Os Seios

Nunca te vejo o peito arfar de enleio,
Quando de amor, ou de prazer te ebrias,
Que não ouça lá dentro as fugidias
Aves, baixo alternando algum gorjeio...

Aves são, e são duas aves, creio,
Que em ti mesma nasceram, e em ti crias,
Ao arrulhar de castas melodias,
No aroma quente e ebúrneo do teu seio;

Têm de uns astros irmãos o movimento,
Ou de dois lírios, que balouça o vento,
O giro doce, o lânguido vaivém.

Oh! quem me dera ver no próprio ninho
Se brancas são, como o mais branco arminho,
Ou se asas, como as outras pombas, têm...

Pela praia

Vão mais depressa... Deixa-os. — Dá-me o braço;

Vem das sombras do monte, em roda, o escuro;

Há muita tarde; o medo é prematuro;

Não temas: vá, mais devagar o passo.

Mais devagar... assim. Esse cansaço

Cura-se, haurindo lentamente ar puro;

Não receies; teu corpo ao meu seguro,

Encostado, é mais leve, encurta o espaço.

Olha os teus pés; levanta um pouco a saia,

Qué-los beijar o mar, os quer, e afaga:

Cai a noite? — Que tem que a noite caia?

Com que delícias o terror nos paga,

Quando vamos tão bem a sós na praia,

Ouvindo a flauta ao vento, e o búzio à vaga!...

Pernas e Pés

Estas pedras inclinam-se, formando
Uma caverna, um antro quase obscuro:
As moscas negras zumbem dentro em bando;
Das fendas desce um fio d'água puro.

Arroio é já: gazeia adiante, e andando
Abre na relva verde um branco furo:
Já estende-se; é lago: — em vão murmuro...
— Cais, Helena, no lago — eu vou gritando...

Cai. — Belo é ver-lhe as pernas na corrente,
Blocos vivos de um mármore esplendente:
São duas hastes, que sustêm com graça

Os seus pés nus, os seus dois pés nevados,
Claros, como dois lírios inclinados
À beira d'água, que os oscula e passa...

Primeira Missa no Brasil

(a Vítor Meireles)

Céu transparente, azul, profundo, luminoso;
Montanhas longe, encima, à esquerda, empoeiradas
De luz úmida e branca; o oceano majestoso
À direita, em miniatura; as vagas aniladas

Coalham naus de Cabral; mexem-se inda ancoradas;
A praia encurva o colo ardente e gracioso;
Fulge a concha na areia a cintilar; grupadas
As piteiras em flor dão ao quadro um repouso.

Serpeja a liana a rir; a mata se condensa,
Cai no meio da tela: um povo estranho a eriça;
Sobre o altar tosco pau ergue-se em cruz imensa.

Da armada a gente ajoelha; a luz golfa maciça
Sobre a clareira; e um frade, ao ar, que a selva incensa,
Nas terras do Brasil reza a primeira missa.

Que Sabemos?

Só de ilusões, Helena, é que vivemos:
Temos em nosso cérebro guardado
Tudo que nossos pais já têm pensado,
Tudo que de presente inda aprendemos.

Sabemos muito! Então o que sabemos?
Eis a cova: o que existe do outro lado?
Que mundo há num argueiro guardado?
Que quer este universo? O fato aí temos...

O céu 'stá cheio acaso, ou 'stá deserto?
Eu não sei bem se acerto, ou se me iludo!
Na ilusão vivo; na ilusão desperto?

Amontoando estudo sobre estudo,
Sabemos muito, muito, muito, é certo...
Mas que sabemos nós no fim de tudo?!...

Que Vos Daria?

Se tiverdes um dia um capricho, senhora,
Um capricho, um delírio, uma vontade enfim,
Não exijas o carro azul que monta a Aurora
Nem da estrela da tarde o plaustro de marfim;

Nem o mar, que murmura e aí vai por mar em fora¹.FEVER
Nem o céu d'outros céus, elos de céu sem fim,
Que se isso fosse meu, já vosso, há muito, fôra.
Fôra vosso o que é grande e anda em torno de mim...

Mostrásseis num só gesto ingênuo, um só desejo...
O universo que vejo e os outros que não vejo
Sofreriam por vós vosso último desdém.

Que faréis dos sóis, grãos vis de areias d'ouro
Mulher! Pedi-me um beijo e vereis o tesouro
Que um beijo encerra e o amor que um coração contém.

Sob a Madona

Helena, eu ontem sério te dizia,
(Quando estou sério e triste estou contente)

Que todo o céu, e o que ele tem, queria
Para eles encher-te o chão somente,

Como a Virgem fazer nos quadros via,
Entre estrelas e a lua no crescente,
À luz de um riso, que em teus olhos via...
Disseste: — Vê, esquece-lhe a serpente...

Pois sim: quero ser ela um só instante,
E entre sóis e os clarões do teu semblante
Ver que em ti a Madona se renova:

Pouco e pouco ir perdendo os meus sentidos,
E entre o aroma sutil dos teus vestidos,
Achar na cova dos teus pés a cova...

Sobre o Pégaso

Upa, ginete, aos céus, em marcha. — Espora às ancas,
Rédeas presas às mãos, a velha estrada mudo...
Rasguemos regiões mais límpidas, mais francas,
Quero ver se esta eterna dor da vida iludo.

Vamos. Sinto-me alado, e firme, e ereto, e mudo;
Amor, nem mesmo tu destes azuis me arrancas:
Vôo como envolvido em duas asas brancas,
Que são a minha guarda e a minha força em tudo.

Aqui de longe, aqui, por uma esfera vasta,
Tendo sob os meus pés o globo, que se arrasta,
O dardo ao flanco, ao passo o tédio do cansaço;

Vendo o orgulho com que vão nele os homens todos,
Num alarido, como um turbilhão de doudos.
Upa! grito ao ginete, em marcha, espaço... espaço!...

Surpresa

Vais dormir. — Como sai do oceano a aurora,

Entras a alcova: rola-te nas costas

O feixe astral das tranças; tens de fora

As duas mãos nas longas coxas postas.

De prata nova é cada estrela agora,

Mosqueando o espaço, e ebriada o espaço arrostas,

Revendo-as uma a uma; eis soa uma hora:

Rompe a lua, iluminam-se as encostas.

Fulge acesa a vidraça: o éter de opala

Afunda-se, de estranhas coisas cheio;

Larga nódoa de luz manchou-te a sala:

Toma-te um frio, um dúbio, um vago enleio...

E ante a carícia, em que o luar te embala,

Ris... recuas a rir... e arfa-te o seio.

Tela Apagada

Como isto aqui mudou!... Agosto, o ano passado,
Tinha mais sol, mais luz, mais calor, menos frio;
Mas tudo o mais é o mesmo: a água do mesmo rio,
A ponte de madeira, as mangueiras, ao lado,

Velhas, grandes, em flor, o lanço esburacado
Do muro, e o líquen nele, e a avenca, e o luzidio
Lacrau, que salta, e vira, e já volta ao desvio;
O cão ganindo; e a um canto, à esquerda, ao longe, o prado.

Bambus em renque, em meio o caminho, e no espaço,
Longe do morro, ao fundo, a casa; e no terraço
Sobre o jardim, talhando o ar cintilante, a imagem

De um anjo, — um áureo nimbo à coma, o olhar humano
Como jamais pintou Corrégio ou Ticiano:
Quem, levando-a, apagou a esplêndida paisagem!...

Terror

Quando vejo o teu corpo doentio
Tremor, como haste branda a vento forte,
Amortalha-me um hirto calafrio,
Como se me tocasse a asa da morte.

Um pensamento lóbrego e sombrio
De alguém, que o doce e tênue fio corte
De tua vida, assalta-me; mas rio,
Pensando que hei de ter a mesma sorte.

Tu não podes descer à sepultura,
Sem que leves as horas de ventura,
Que em ti achou minha alma, um vasto arneiro.

Em teu trespasse, pois, quando tu fores,
Morrão os sóis no céu, no campo as flores...
E, olha, espera, até logo, eu vou primeiro...

Ubi Natus Sum

Na rua Augusto, em Santa Catarina,
A cama em cima duns pranchões de pinho,
Aí nasci. Foi este o humilde ninho
De uma criatura mórbida e franzina.

No fundo de uma loja pequenina,
O lençol branco a arder na luz do linho,
Da minha mãe, da minha mãe divina
Tive o primeiro tépido carinho.

Meu pai foi sempre a honra em forma humana,
Tinha a virtude máscula e romana,
Não era austero só, era feroz.

Trabalhava incessante, noite e dia,
Como um leão seu antro defendia,
E era uma pomba para todos nós...

[in Tesouros da Juventude, volume 14]

Um Duelo de Morte

Ao ver-te assim, ó! virgem deslumbrante,
Sinto a ferocidade da pantera
Quando nas curvas garras dilacera
A carne em sangue quente e palpitante.

Tu tens o olhar do caçador triunfante,
Que o salto do animal feroz espera,
E está firme na tua mão possante,
O ferro, em que se atira, urrando, a fera...

Por isso estou de longe a ver-te: estudo
A voz, o riso, o teu silêncio, o porte...
Triste, irado, brutal, furioso, mudo...

E a emoção, que te abala o peito forte,
O que te enerva, cega, irrita... tudo...
Pois, ou morro, ou te dou num beijo a morte...

Uma Desesperada

Tristeza é coroa régia, alta e robusta,
Que em cada volta tem agudo espinho,
Como a que teve um Deus, quando escarninho
Espírito a deitou na fronte augusta.

Ela faz parte de mim mesmo e assusta —
Como a serpente, que rodeia um ninho:
Farei com ela todo o meu caminho;
Mas... carregar seu grande peso, custa.

Helena, há dentro em mim escura mágoa,
Como o nenúfar negro dentro d'água,
Como uma fase triste enluta um carne.

Mas se te beijo a mão, o pé, a perna
A minha dor, desesperada, eterna,
Fica então à penumbra a olhar-me... a olhar-me.

Uma Princesa Antiga

Tem a grandeza antiga e peregrina
Das mulheres da Bíblia, e da Odisséia:
Anda, fala, aparece... e se imagina
Ou Palas ou Judite ou Diana ou Rea.

Mas quando ao campo os passos seus destina,
Sua estatura avulta: - então é Dea:
Jove, para a espiar da azul cortina,
Deixa os deuses no Olimpo em assembléia.

Juno descora... E ela no cercado,
Numa das mãos erguendo os seus vestidos,
Com outra lança às aves pão cortado,

E vê de longe, entre os capins crescidos,
O velho boi de Homero, um boi malhado
De passo tardo e chifres retorcidos.

Velocino

Que silêncio dormia em toda sala!
(Cabe bem neste quadro a formosura)
Foi meu amigo, é meu amigo, e dura,
Para dar tempo; enfim quer me entregá-la.

Eu murmurava cousas que murmura
O amor numa hora, em que ele sonha, e fala
Rimas de fogo, e as asas com brandura
Abre, como quem canta, e abre uma vala.

Ria, chorava, convulsava um pouco:
Ela estava enleada: eu 'stava louco...
Ergo-a ao leito: este riu-se, ao recebê-la...

Das roupas brancas, que rasguei, despida,
Entre as coxas ao ver, que a vi ferida,
Era ela toda o estremecer da estrela...

Referências

Disponível em:

http://www.antonimiranda.com.br/poesia_brasis/santa_catarina/luis_delfino.html

<http://www.astormentas.com/din/poemas.asp?autor=Lu%EDs+Delfino>

<http://www.poetaslivres.com.br/literatura/brasileira/parnasianismo.html>

<http://paginas.terra.com.br/arte/PopBox/sonetario/delfino.htm>

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ld.html>